

---

# AS SALAS DE BATE-PAPO DA INTERNET COMO UM ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE LINGUAGEM

Alessandra Sexto Bernardes  
Paula M. Teixeira Vieira\*

## RESUMO

Focalizando a escrita enquanto prática sociocultural oportunizada pela internet, este texto é fruto de uma pesquisa que se caracterizou pela inserção dos pesquisadores na Rede Mundial de Computadores, através de observações participantes em um de seus recursos mais conhecidos: as salas de bate-papo do IRC (acrônimo de *Internet Relay Chat*). A imersão no meio virtual nos possibilitou uma aproximação compreensiva de nosso objeto de estudo: a construção/produção da escrita na internet. De posse dos dados e artefatos coletados, o nosso objetivo é o de buscar compreender os sentidos que emergiram dos enunciados produzidos em situação de interlocução de um canal específico do referido programa, focalizando o *chat* enquanto produção de linguagem, valendo-nos das contribuições da teoria enunciativa da linguagem de Mikhail Bakhtin.

**Palavras-chave:** escrita no chat, produção de linguagem, teoria enunciativa de Bakhtin.

Focalizando a escrita enquanto prática sociocultural oportunizada pela internet, este texto é fruto de uma pesquisa<sup>1</sup> que se caracterizou pela inserção dos pesquisadores na Rede Mundial de Computadores, através da realização de observações participantes em um de seus recursos mais conhecidos e “visitados” por seus usuários, entre eles, uma grande “massa” de adolescentes: as salas de bate-papo do IRC.<sup>2</sup>

A imersão no meio virtual nos possibilitou uma aproximação compreensiva de nosso objeto de estudo – a construção/produção da escrita na internet – atentando para os aspectos da relação investigador-investigado, a especificidade da situação na qual os enunciados produzidos/construídos ocorreram, bem como os sentidos que emergiram no processo de interlocução.

De posse dos dados e artefatos coletados,<sup>3</sup> o nosso objetivo, ao construir este texto, foi o de buscar compreender os sentidos que emergiram dos enunciados produzidos em situação de interlocução no canal # “X” do mIRC,<sup>4</sup> focalizando o *chat* enquanto produção de linguagem, valendo-nos das contribuições da teoria enunciativa da linguagem de Mikhail Bakhtin.

---

\*Membros do Grupo de Pesquisa LIC (Linguagem, Interação e Conhecimento), coordenado pela Profa. Maria Teresa de Assunção Freitas, vinculado ao NUPEL (Núcleo de Pesquisa e Ensino em Linguagem) da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>1</sup>Pesquisa “A construção/produção da escrita na internet e na escola: uma abordagem sociocultural”, coordenada pela Profa. Maria Teresa de Assunção Freitas e co-coordenada pelo Prof. Sérgio Roberto Costa e financiada pelo CNPq e pela FAPEMIG.

<sup>2</sup>Acrônimo de *Internet Relay Chat*.

<sup>3</sup>O corpus de dados deste texto compõe-se de sessões de bate-papo gravadas no canal # Juiz de Fora do mIRC, no período de março a setembro de 2000, e respectivas notas de campo expandidas.

<sup>4</sup>Este canal é específico de uma cidade de médio porte da região sudeste brasileira. Substituímos o nome real da cidade pela letra X, respeitando as normas do anonimato.

---

## CARACTERIZANDO OS CHATS

Como se apresentam os atos de ler e escrever no contexto dos canais de *chat*<sup>5</sup> da internet? O próprio nome que designa estes espaços no meio virtual, elucida que os leitores-escritores ali estão empenhados em efetivar uma conversação. Porém, não se trata de uma conversação nos moldes tradicionais, mas de um projeto discursivo que se realiza só e através das ferramentas do computador via canal eletrônico mediado por um software<sup>6</sup> específico. A dimensão temporal deste tipo de interlocução caracteriza-se pela sincronidade em tempo real, aproximando-se de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens. Apesar da sensação de estarem falando, os enunciados que produzem são construídos num “texto falado por escrito” (HILGERT, 2000, p. 17), numa “conversação com expressão gráfica” (BARROS, 2000, p. 74).

Para entrar numa sala de encontro virtual, o usuário escolhe um canal, partindo de suas áreas de interesses, propondo conversações sobre os mais variados temas. Uma vez conectado, o usuário precisa identificar-se com seu nome ou um pseudônimo – o *nickname* – para, então, acompanhar ou participar da conversação. Há também outras opções ao abrir o programa,<sup>7</sup> que podem ou não ser preenchidas, pois a comunicação ali é anônima. Preenchidos os dados, escolhe-se um servidor<sup>8</sup> e, logo depois, através do comando */join #* (*#* significa canal), imerge-se no canal desejado.

As mensagens aparecem imediatamente nas telas dos computadores de todos os usuários que estiverem conectados àquele canal, naquele exato momento. A conversa é pública na tela principal onde, à direita, aparece uma lista com o nome de todos os usuários conectados. Para se trocarem mensagens privadas, a interlocução se efetiva através de telas separadas, denominadas PVT (*private*). Dentro destas telas, a interação só pode se dar entre dois usuários. No entanto, é possível interagir com várias pessoas ao mesmo tempo, na medida em que *janelas* de PVT vão sendo abertas na tela principal do computador. A partir daí, as conversas se desenrolam, numa rede de ligações na qual recebem-se mensagens que, se desejadas, podem ser respondidas numa alternância ininterrupta de enunciados.

Esta breve descrição dos mecanismos que se fazem necessários para a inserção nos canais de bate-papo do mIRC é importante para que possa o leitor visualizar e se inteirar do aparato de conhecimentos técnicos de que o usuário deste recurso da internet tem que dispor para efetivamente nele se situar, alcançando seu objetivo primeiro que é, numa forma bastante simplificada, trocar mensagens com demais usuários em tempo real.

---

<sup>5</sup>Conversa, em inglês.

<sup>6</sup>Um programa – seja um aplicativo (*apllication*) ou sistema operacional (*operating system*) – que um computador pode executar (*execute*), em oposição a hardware, o computador propriamente dito.

<sup>7</sup>São elas: *full name*; *email adress* (*endereço eletrônico*) e *alternative* (*nickname alternativo*, caso o escolhido já tenha sido registrado por outro usuário).

<sup>8</sup>Servidor é um computador que possui um software que coordena a comunicação entre clientes, que são os computadores a ele conectados.

---

## O CHAT COMO PRODUÇÃO DE LINGUAGEM

A interação que se dá “tela a tela”, para que seja bem sucedida, exige, além das habilidades técnicas anteriormente descritas, muito mais do que a simples habilidade lingüística de seus interlocutores. No interior de uma enorme coordenação de ações, o fenômeno *chat* também envolve conhecimentos paralingüísticos e socioculturais que devem ser partilhados por seus usuários. Isso significa dizer que esta atividade comunicacional, assim como as demais, também apresenta uma vinculação situacional, ou seja, não pode a língua, nesta esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva (MARCUSCHI, 1991, p. 5-15).<sup>9</sup>

Bakhtin (1895-1975), embora não tenha vivido o suficiente para assistir a esse revolucionário meio de se conversar na contemporaneidade, nos oferece, através de seus pressupostos teóricos, um sólido suporte para a busca de compreensão desta nova forma de interação virtual, que se dá via palavra, pois é a linguagem, para ele, produzida no e pelo contexto sócio-cultural. Como caracterizar esta vinculação no contexto desterritorializado da internet?

No intuito de demonstrar a natureza real da linguagem enquanto fenômeno socioideológico, Bakhtin (1999) teceu uma crítica epistemológica às grandes correntes da lingüística de sua época: o Objetivismo Abstrato e o Subjetivismo Idealista. Reduzindo a língua a um sistema abstrato de normas ou vendo-a como uma expressão da realidade interna, para ele, ambas as correntes não atingiam o verdadeiro núcleo da realidade lingüística: a interação verbal. De acordo com Bakhtin (1999), sendo a palavra o material privilegiado de interação entre as pessoas, não pode a linguagem ser compreendida separadamente do fluxo da comunicação verbal:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (p. 123).

Nesse sentido, como resultado do processo de interação verbal, Bakhtin elege o enunciado que consiste na unidade básica do discurso oral ou escrito. Porém, destaca que não há enunciado isolado. Para ele, todo enunciado faz parte de um processo de comunicação ininterrupto, pressupondo, além da presença concomitante de um ser falante e de um ser ouvinte, aqueles enunciados que o antecederam e todos os que o sucederão. Caracteriza-se o enunciado, então, como um elo de uma grande cadeia dialógica que só pode ser compreendido no interior dessa cadeia.

Apoiamo-nos, assim, na categoria da interação verbal proposta por este autor, cuja natureza é essencialmente dialógica, para conceber o fenômeno *chat* enquanto produção de linguagem. O *chat* apresenta-se na forma de um diálogo concreto<sup>10</sup> entre pessoas, no qual podemos observar um “ritmo conversacional” (XAVIER e SANTOS, 2000, p. 55) que se aproxima da esfera comunicacional cotidiana:

---

<sup>9</sup>Alguns teóricos têm se dedicado a analisar esse fenômeno tão atual e ainda pouquíssimo explorado na literatura lingüística brasileira. Porém, o fazem sob o prisma da análise da conversação. Não descartaremos aqui as suas contribuições, embora acreditemos que suas análises persigam outros objetivos.

<sup>10</sup>Lembremos aqui que a noção de dialogismo em Bakhtin não se esgota nas réplicas de um diálogo concreto entre pessoas, implica também relações muito mais amplas e heterogêneas.

---

Início da sessão: Tue Mar 28 23:22:42 2000<sup>11</sup>

1.<Heitor\_3D-\_-[W]-[e]-[B]> Oi

2.<girl20> oi

3.<Heitor\_3D-\_-[W]-[e]-[B]> tc de onde?

4.<girl20> centro e você?

5.<Heitor\_3D-\_-[W]-[e]-[B]> Bom pastor. Qual seu nome??? Saiu hoje?

6.<girl20> manuella

7.<girl20> não sai não

Fim da sessão: Tue Mar 28 00:42:48 2000

Porém, os enunciados que fazem parte do fragmento acima destacado, não podem ser compreendidos como simples produtos do encontro de dois interlocutores conectados numa realidade virtual, mas, sim apreendidos no fluxo de uma interação verbal específica que se processa neste novo contexto, através de relações de sentido que são, portanto, dialógicas.

Toda enunciação corresponde, para Bakhtin (1992, 1999), a determinado tipo de intercâmbio da comunicação social apresentando, contudo, formas sistemáticas ou tipos estáveis que por ele são denominados gêneros discursivos. Bakhtin distingue gênero do discurso *primário* e gênero do discurso *secundário*. Os primários seriam aqueles mais triviais, naturais de uma conversação espontânea da vida cotidiana imediata, enquanto que os secundários, mais elaborados e principalmente apresentados sob a forma escrita, seriam aqueles apresentados em circunstâncias de comunicações culturais mais complexas e relativamente mais evoluídas.

Cada esfera da atividade humana conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade cujos enunciados refletem a sua finalidade, através de determinados estilos verbais, de seus conteúdos e, sobretudo, por sua construção composicional. Os enunciados e o tipo a que pertencem são para Bakhtin “as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua” (1992, p. 285). Isto porque, não sendo a língua estática, produto de algo dado, mas, fundamentalmente, processual, há em cada época humana a prevalência de determinados gêneros, refletindo, deste modo, todas as transformações por que passa a vida social: “Cada época e cada grupo social têm seu repertório de gêneros discursivos que funciona como espelho que reflete e refrata a realidade. A palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma sociedade se explicitam e se confrontam” (CASTRO e JOBIM E SOUZA, 1997, p. 14). Nas palavras de Bakhtin, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais” (1999, p. 41).

Os gêneros discursivos são vários, assim como são diversas e inesgotáveis as práticas sociais da atividade humana. Na medida em que essas práticas tornam-se cada vez mais complexas, num processo contínuo de evolução, os gêneros do discurso vão sendo incorporados por outros, sofrendo uma nova reestruturação. Esse processo implica, necessariamente, num novo procedimento

---

<sup>11</sup>A partir desse momento do texto, aparecerão, em destaque, recortes de sessões de chat do canal já mencionado do mIRC. Mantivemos, em cada um desses recortes, os horários de início e término da sessão realizada, bem como as suas respectivas datas que, de acordo com o programa, apresentam-se na língua inglesa. Esperamos, desse modo, que possa o leitor obter uma visão mais ampla dos fragmentos selecionados, identificando-os como um momento singular de uma determinada interlocução. Optamos também por numerar as linhas – não confundindo-as, aqui, com turnos – no intuito de facilitar a localização das mesmas no momento de análise.

---

organizacional e conclusão do todo verbal, modificando também nele o lugar do interlocutor. É este também o processo de formação dos gêneros secundários que absorvem e transmutam os primários de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, os primários, perdem, então, a sua relação direta com o contexto imediato e com a realidade dos enunciados alheios.

Desta maneira, indagamo-nos: como se formam os enunciados nos canais de bate-papo do mIRC? Poderíamos caracterizá-los como pertencentes ao gênero *chat* que se efetiva dentro de uma nova esfera social da comunicação humana, a esfera digital? Se assim o for, qual seria a sua natureza? A que função social estaria atendendo? Qual é a finalidade dos canais de bate-papo da internet? Quais as especificidades do *chat* como possível gênero da esfera digital da comunicação social humana? Em quais condições específicas se encontra um usuário deste novo recurso da tecnologia digital? Enfim, como tais condições se refletem ou interferem nos enunciados que ali são produzidos/construídos e, portanto, no objeto ou tema sobre o qual ocorreu a enunciação?

Concebemos aqui o *chat* como uma conversa espontânea mas que, devido às suas condições de produção via computador, realiza-se com o suporte da escrita reestruturada, portanto, em outros moldes que não os de uma conversação que se realiza face a face. Tomemos como exemplar o fragmento que se segue e vejamos como se apresentam as estruturas composicional e organizacional de seus enunciados:

Início da sessão: Fri May 19 02:00:56 2000

- 1.<||Zero-Cool||> Oi quer tc?
- 2.<[lilijf]> oi!
- 3.<[lilijf]> td bem?
- 4.<||Zero-Cool||> tudu e com vc?
- 5.<[lilijf]> tudo bem tb!
- 6.<||Zero-Cool||> qts anos vc tem?
- 7.<[lilijf]> tenho 26
- 8.<[lilijf]> e vc?
- 9.<||Zero-Cool||> faço 15 hj
- 10.<||Zero-Cool||> oq vc faz?
- 11.<[lilijf]> FELIZ ANIVERSARIO!!!!
- 12.<[lilijf]> estudo
- 13.<||Zero-Cool||> ‘:)
- 14.<||Zero-Cool||> oq q vc estuda?
- 15.<[lilijf]> me formei em pedagogia
- 16.<[lilijf]> hj trabalho num grupo de pesquisa
- 17.<[lilijf]> eh, a pesquisa e quase q um estudo, uma continuação
- 18.<||Zero-Cool||> hhhhhhmmmmmm
- 19.<[lilijf]> vc tb ta estudando?
- 20.<||Zero-Cool||> to
- 21.<||Zero-Cool||> eu estudo na escola normal mais tá em greve
- 22.<||Zero-Cool||> mais dentro de alguns dias achu q já deve ter resolvido tudu
- 23.<[lilijf]> tomara q sim
- 24.<||Zero-Cool||> é

---

25.<||Zero-Cool||> mudando de assunto  
26.<[lilijf]> an  
27.<||Zero-Cool||> qq vc gosta de fazer?  
Fim da sessão: Fri May 19 03:11:34 2000

A recorrência de períodos curtos e simples, o aparecimento de marcas de envolvimento entre os interlocutores, o alto tom de informalidade e descontração que predomina no diálogo, assim como a presença de marcadores conversacionais, são apenas algumas das características que parecem indicar uma possível aproximação deste texto com características aspectuais da fala cotidiana, entretanto, como pudemos observar, os enunciados que o compõem apresentam uma nova “reconfiguração das formatações tradicionais da escrita” (XAVIER e SANTOS, 2000, p. 53).

Nos canais de *chat*, os interlocutores ali se encontram empenhados num projeto discursivo que, como nas demais esferas da comunicação social, também se efetiva através de tipos estáveis de enunciados. Para Barros (2000) e Hilgert (2000), o texto produzido nos *chats*, embora mediado pela escrita, também apresenta algumas características da fala, uma vez que é a linguagem neste espaço, informal, mas, a situação de produção do discurso é complexa. Para estes autores, o *chat* apresenta uma nova articulação das linguagens oral e escrita que, concebidas como modos complementares de ver e compreender o mundo, certamente também possibilitam modos e formas diversas de produzir sentidos e estabelecer relações entre os sujeitos nas situações de interação/interlocução.

Ao mesclar, em sua composição, elementos da oralidade com os da escrita, o texto do *chat* pode apresentar uma vinculação estreita com a realidade social imediata, no sentido da re-oralização proposta por Barros (2000) e Hilgert (2000). Esta vinculação está, certamente, calcada em um outro nível de corporeidade dos interlocutores. Estes encontram-se distanciados em relação ao espaço físico, ou seja, cada um envia ou recebe mensagens através do seu próprio computador, amparados pelo anonimato da tela, do lugar em que se encontram, sejam próximos territorialmente ou não. No fragmento em destaque, “{Thunder}”, ao buscar elementos que contribuam para a formação de uma imagem de sua interlocutora, lança mão de um dos aspectos da realidade que o circunda e, consciente das limitações impostas pelo meio virtual, a aborda de forma bastante interessante:

Início da sessão: Sun Jul 09 01:19:29 2000  
1.<{Thunder}> Oiiiiiiiiiiiiiiii, Lili...  
2.<{Thunder}> Como vai vc?  
3.<[lilijf]> OI!!1  
4.<{Thunder}> Está fazendo frio aí?  
5.<[lilijf]> nao mto  
6.<{Thunder}> E pq vc está com esta blusa de lã aí?  
7.<{Thunder}> Está toda empacotada...?!  
8.<[lilijf]> hahahah  
9.<[lilijf]> como adivinhou?  
10.<{Thunder}> Poxa...  
11.<{Thunder}> Eu tô te vendo!  
12.<{Thunder}> N muito bem, mas daqui eu tenho uma vista razoável.  
13.<{Thunder}> Só n me pergunte mais detalhes, viu?  
14.<[lilijf]> hahahahaha

---

15.<[lilijf]> ta legal

Fim da sessão: Sun Jul 09 02:11:59 2000

Num nível de corporeidade não física, mas espectral, a comunicação neste contexto ocorre via escrita e, para se fazerem compreender, os interlocutores interagem num mundo virtual que não pressupõe o deslocamento pelo espaço real de suas próprias vozes e de seus próprios corpos, mas, sim, o movimento do *mouse* em direção a um comando de “envio” que precisa ser acionado para que a mensagem que se quer lida atinja o seu destino. Porém, a troca das mensagens acontece em tempo real. Nasce daí, não só a necessidade do interlocutor se ressituar em relação ao outro – a questão do próximo e da alteridade<sup>12</sup> – mas, também, de reorganizar a construção dos seus enunciados. O *chat* faz parte, portanto, de uma nova esfera social discursiva, complexa, provocando transformações nas funções sociocomunicativas da atualidade.

Podemos afirmar que os enunciados produzidos nas salas ou canais de bate-papo parecem apresentar estruturas composicionais e organizacionais comuns à linguagem oral e à linguagem escrita, justamente pelo fato de se processarem através de um suporte específico – o computador – que acaba predeterminando suas condições de produção/construção. Para compreendermos essa construção/produção, precisamos considerar não só o fato do enunciado ser apenas um dos elos do intercâmbio comunicacional que ali ocorre e que dali decorre, possuindo estreitos vínculos com a efetiva situação social que o gera (BAKHTIN, 1999), mas que sua produção acontece dentro dos limites e possibilidades da programação do sistema eletrônico-digital que os engendra (BARROS, 2000; HILGERT, 2000).

Na interação verbal que ali se processa, só é possível que um dos interlocutores faça uso da palavra por vez, não podendo acompanhar ou interferir, nos seus respectivos monitores, a gradativa formulação dos enunciados de seu parceiro da comunicação. Estes são primeiramente elaborados pelo sujeito enunciatador para, somente depois de concluída a sua formulação, serem enviados a um interlocutor-ouvinte/escritor. O enunciado não se apresenta na tela do outro interlocutor concomitantemente ao seu momento de produção, ou seja, não permite uma intervenção imediata no espaço da palavra do outro.<sup>13</sup> O trecho em destaque é bastante significativo neste sentido:

Início da sessão: Tue Jun 20 00:50:29 2000

1.<Bino> oi lili q tc ?

2.<[lilijf]> oi Bino!

3.<[lilijf]> td bem

4.<Bino> vc tem quantos anos,lili?

5.<[lilijf]> tenho 26

6.<Bino> tenho 16 ? te agrada?

---

<sup>12</sup>Para Virilio “não há corpo próprio sem mundo próprio, sem situação [...] O corpo próprio está situado em relação ao outro e em relação ao mundo próprio [...] Os tempos tecnológicos, provocando a telepresença procuram fazer-nos perder definitivamente o corpo próprio em proveito do amor imoderado pelo corpo virtual” (2000, p. 49). Segundo ele, há uma ameaça considerável de perda do outro, de declínio da presença física em proveito de uma presença imaterial e fantástica.

<sup>13</sup>Numa conversação face a face são comuns os momentos em que ocorre sobreposição de falas, mesmo sendo breves. Já nos chats essa sobreposição não ocorre de maneira nenhuma por determinação do próprio meio digital (Hilgert, 2000, p. 30).

---

7.<[lilijf]> nenhum problema pra mim  
8.<[lilijf]> pra vc?  
9.<Bino> de ipotese alguma?  
10.<Bino> ops... em hipotese alguma!!  
11.<[lilijf]> q bom  
12.<Bino> faz o q ja q tem 26 anos?  
Fim da sessão: Tue Jun 20 01:44:27 2000

Assim sendo, de um modo geral, ficam ausentes no texto dos canais de bate-papo deste programa em particular, vestígios deixados por seu escritor que demonstrem marcas de formulação ou reformulação. Estes procedimentos também aparecem quando, como no exemplo acima, percebe o interlocutor, através da leitura na tela de seu próprio monitor, um erro ou problema de formulação de um dado enunciado. “Bino”, na linha 15, reconstrói seu enunciado anterior, sem que “[lilijf]” interfira nesse processo de reconstrução, dando, então, continuidade ao diálogo. Numa interação face a face é impossível para o sujeito enunciatador voltar atrás, apagando de seu discurso o que anteriormente foi dito, ao contrário do que acontece no fragmento destacado. Nesse aspecto, o texto do *chat*, especificamente o produzido no mIRC, pertence à modalidade escrita do discurso uma vez que, se achar necessário, pode o interlocutor reelaborar seus enunciados, antes de serem enviados para o seu ouvinte.

Devido à situação em que se encontram, também não dispõem os interlocutores, como numa interação face a face, de um mesmo *feedback*<sup>14</sup> linguístico, paralinguístico ou extralinguístico que interfiram nos rumos da formulação dos enunciados ou que indiquem o grau de interesse que suas considerações estão despertando. Para construir a sua réplica, tem o interlocutor de ler em sua tela o enunciado do outro como um todo – mediado por um novo código discursivo, ortográfico, logográfico, imagético, complexo<sup>15</sup> – para, somente após este momento de leitura, construir um outro enunciado que lhe complemente o sentido, dando continuidade à cadeia interlocutiva.

O tempo de formulação de um enunciado é, nessas condições, curto, limitado, porque tem o interlocutor de escrever pressionado pela premência de uma resposta a uma mensagem que lhe foi enviada pelo outro ou por estar, por sua vez, aguardando uma resposta. Para que o processo discursivo não perca seu andamento, numa morosidade incabível em uma conversa “quase espontânea”, a alternância dos sujeitos falantes apresenta-se, geralmente, de modo mais veloz do que numa interação face a face. Entretanto, a transição dos “turnos”<sup>16</sup> depende da velocidade própria do computador que, por sua vez, pode ser lenta no momento da transmissão *on line*<sup>17</sup> dos dados.

---

<sup>14</sup>“Sinais do ouvinte”, para Marcuschi, ap. Hilgert (2000).

<sup>15</sup>Para maiores aprofundamentos nesse sentido, ver o trabalho de Pereira e Moura (2001), orientado pelo Prof. Dr. Sérgio Roberto Costa.

<sup>16</sup>Adotamos este termo por considerá-lo adequado para exemplificar um dos aspectos organizacionais básicos de uma conversa que se efetiva via chat. Além de explicitar a dinâmica desta atividade comunicacional, esta designação permite-nos também evidenciar para o leitor nossa compreensão da sua essencial diferença para o conceito bakhtiniano de enunciado e alternância de sujeitos falantes. Dessa diferenciação decorre uma compreensão mais ampla do caráter interativo dos chats que ultrapassa, certamente, os limites impostos pela definição deste termo enquanto “aquilo que um indivíduo faz e diz, enquanto está na vez de falar” (Hilgert, 2000, p. 26) proposto pela análise da conversação.

<sup>17</sup>Continuamente conectado.

---

Os enunciados neste novo contexto caracterizam-se, portanto, por serem breves e concisos, expressos através de uma escrita geralmente abreviada, cujos aspectos normativos são de segunda ordem. Para suprir a ausência do tom de voz, gestos e expressões faciais próprias de uma interação face a face, os interlocutores deste meio eletrônico também lançam mão de outros recursos que, além de expressarem sentimentos e emoções, cumprem, no espaço dos *chats*, funções de comunicação. Considere-se este segmento de uma das sessões que compõe o nosso *corpus* de dados:

Início da sessão: Fri May 19 02:02:38 2000

1.<Rolls\_> olá tudo bemm?????;-)

2.<[lilijf]> oi, tudo!

3.<Rolls\_> +- L e aí tc de JF mesmo?

4.<[lilijf]> sim

5.<[lilijf]> e vc?

6.<Rolls\_> tb qts anos?

7.<[lilijf]> tenho 26

8.<[lilijf]> e vc?

9.<Rolls\_> poxa eu tenho um pokim – hehe 18

10.<Rolls\_> e aí animada pra festa country?

11.<[lilijf]> nada...

12.<Rolls\_> XIIIIIIIII pq? vc é + caseira?:-/

13.<[lilijf]> sou sim

14.<Rolls\_> hehe injuo di sair n’ e

15.<[lilijf]> ate q saio, mas naum to mto pra confusum naum

16.<Rolls\_> a eu tb num sou de sair muito nao mas eu vou nakela festa nu zeze e nu paralamas

17.<[lilijf]> nossa, o show do paralamas deve ficar mto bom!

18.<Rolls\_> HUUUUUMMMMMMMMM

19.<Rolls\_> poxa xou eu axu ki tem akela coisa animada ne

20.<Rolls\_> eu adro o ze ramaio mas num vou nu xou dele nao

21.<Rolls\_> mas aki c num vai nenhum dia??????

22.<[lilijf]> vou naum

23.<[lilijf]> vc frequenta esse canal ha mais tempo?

24.<Rolls\_> a tem mais de um ano

25.<[lilijf]> ah, ta!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

26.<Rolls-curioso> aki eu escrevo tudo errado aki na net percebeu?????

27.<Rolls\_-> a todo mundo escreve HERRADO28.<[lilijf]> hehehe

29.<Rolls\_-> num é só mim

30.<Rolls\_-> hah

31.<Rolls\_-> aa

32.<[lilijf]> hahahahaha

33.<Rolls\_-> poxa

34.<[lilijf]> pq vc acha q essa escrita ficou assim?

35.<[lilijf]> aki no chat

36.<Rolls\_-> é ki vai mais rapido

37.<[lilijf]> e, tb acho

- 
- 38.<[lilijf]> mas to me acostumando ainda  
39.<Rolls\_-\_> a copiando todo mundo  
40.<[lilijf]> eh  
41.<Rolls\_-\_> saca  
42.<Rolls\_-\_> po vou tentar parar  
43.<Rolls\_-\_> otro dia ja ia botando Rolls na minha prova  
44.<Rolls\_-\_> é mole  
45.<[lilijf]> hahaha  
46.<[lilijf]> ce acostuma ne?  
47.<Rolls\_-\_> di escrever errado  
48.<Rolls\_-\_> é ja acustumei  
49.<[lilijf]> ja escreveu outras coisas como aki na net na hora de escrever no papel/  
50.<Rolls\_-\_> nao até ki nao  
51.<Rolls\_-\_> mas sempre quase  
52.<[lilijf]> entendi  
53.<Rolls\_-\_> aki axu ki eu to indo  
54.<[lilijf]> mas ja?  
55.<[lilijf]>:(  
Fim da sessão: Fri May 19 03:11:34 2000

Além do tempo transcorrido entre um pensamento e a escrita de uma palavra ou frase e a sua visualização na tela ser extremamente curto – o que demanda do interlocutor, além de destreza, uma grande agilidade no momento em que está “teclando” – Hilgert (2000) indaga se a irrelevância do uso correto dos padrões da língua culta também não estaria relacionada a uma tentativa dos próprios interlocutores em imprimirem uma espécie de caráter “falado” naquilo que escrevem.<sup>18</sup> Assim, eventuais problemas de digitação e equívocos no uso padronizado da língua que aparecem no texto dos *chats* com uma frequência considerável, podem, para este autor, serem resultantes de uma espécie de impulso formulativo do enunciado ou estarem relacionados a essa tentativa de “re-oralização” por parte do interlocutor das salas de bate-papo.

Vimos que, no recorte anteriormente apresentado, o apagamento de uma série de constituintes da oração, como o sujeito e o verbo (ver linha 6, por exemplo); os erros de digitação (ver linhas 14, 20, 47 e 49); o excesso de pontos de interrogação e exclamação (ver linhas 1, 21, 25 e 26); a ausência de sinais de pontuação e acentuação perceptíveis em quase todo o fragmento, não comprometem a compreensão dos enunciados produzidos/construídos, uma vez que esta decorre da interrelação dos turnos. A presença dos *emoticons*<sup>19</sup> nas linhas 1, 3, 12 e 55 também vem contribuir

---

<sup>18</sup>Este autor demonstra que algumas das tentativas dos interlocutores dos chats em imprimirem um caráter “falado” ao que compulsoriamente tem de ser escrito – fenômeno que denomina de re-oralização – consistem, por exemplo, no uso abusivo de sinais de pontuação e na total ausência dos mesmos em certos momentos do diálogo. No primeiro caso, procuram os interlocutores evocarem “impressões da interação face a face, dificilmente traduzíveis por escrito” (p. 42). No caso da supressão dos sinais de pontuação, Hilgert nos lembra que “muitos usos dos sinais de pontuação na escrita são uma representação gráfica de um fenômeno fônico (entoação ou pausa)” (p. 42), assim a pontuação alternativa nos textos dos chats seria outra tentativa de retorno ao oral.

<sup>19</sup>Um smiley ou outras carinhas cuja melhor visualização ocorre quando se inclina a cabeça para a esquerda. São formadas, geralmente, por caracteres de pontuação, daí serem chamadas também por caracteretas.

---

no processo de compreensão dos enunciados, uma vez que se caracterizam enquanto ícones que traduzem as emoções do enunciador diante do enunciatário.

Aproximando-se ora da modalidade da fala, ora da modalidade da escrita, o interlocutor das salas de bate-papo prossegue, assim, em busca da compreensão dos sentidos que emergem do discurso do outro. De acordo com Bakhtin (1992, 1993, 1999), em toda esfera da atividade humana o fenômeno linguístico comporta duas faces, ou seja, para que o enunciado ocorra pressupõe-se, sempre, a existência de um falante e de um ouvinte. Concordando, discordando, completando, opinando sobre o tema que ali se constituiu enquanto objeto da interlocução discursiva, numa rapidez quase instantânea, promove-se uma alternância desejada onde o ouvinte/leitor não é passivo, assumindo uma atitude responsiva ativa diante do texto que lê. Nesse sentido, também no contexto das salas de bate-papo “compreender é, portanto, opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (BAKHTIN, 1999, p. 132).

Ora, para Bakhtin, o que determina a palavra é que ela procede de alguém e se dirige para alguém. No entanto, a orientação para um outro pressupõe que se leve também em consideração a interação sociohierárquica que permeia a relação entre os interlocutores em dada esfera da comunicação verbal. Ter, pois, um destinatário é, para este autor, uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual ele não existe. Toda expressão linguística está orientada, assim, para um outro – o que permite pressupor a existência de um auditório social. Para Bakhtin é o falante e o seu *auditório social* que irão definir a própria *situação da enunciação* e o repertório dos *gêneros discursivos* no momento de toda e qualquer interlocução.

Entretanto, faz-se necessário lembrar que Bakhtin definiu estas categorias apoiando-se nas particularidades de um gênero determinado – o romance – e que, portanto, diferencia-se qualitativamente do gênero *chat*. No contexto específico da esfera digital da comunicação, tais categorias delineiam-se, certamente, sob outros aspectos, característicos de uma realidade outra, virtual. Nas salas de bate-papo, a identidade dos interlocutores não é definida, assim como numa típica interação face a face analisada por Bakhtin, por seus lugares sociais. Fazendo parte de uma comunidade virtual, dispersa e desterritorializada (LÉVY, 1997, 1999; CASALEGNO, 1999; MARQUES, 1999; VIRILIO, 1999, 2000), os interlocutores na internet parecem estar menos unidos por seus lugares sociais do que por temas afins. Não sendo fixamente definido por seu lugar social, compreendido como partícipe de um grupo ou classe, o indivíduo é, na Rede, fruto de sua expressão via palavra e será somente na e pela linguagem escrita que se poderá vislumbrar a sua identidade.<sup>20</sup>

Um outro elemento fundamental para Bakhtin na constituição dos sentidos da parte verbal da enunciação consiste justamente na sua parte extraverbal, ou seja, todo enunciado concreto, como um todo significativo, compreende duas partes: uma parte percebida e realizada em palavras e outra, subentendida, que é presumida pelos interlocutores. O discurso verbal nasce, portanto, de uma situação extraverbal e está intimamente conectado a esta situação que o engendrou, não podendo dissociar-se do social sob pena de perder sua significação (BRAIT, 1994). Três aspectos da parte extraverbal da enunciação são fundamentais para Bakhtin (1993) na constituição do sentido dos enunciados: o espaço e o tempo no qual ocorre a enunciação (onde, quando e a unidade do que é visível pelos

---

<sup>20</sup>Lembremos aqui que estamos nos referindo em especial ao usuário do mIRC que não dispõe, ainda, de outros aparatos da tecnologia informacional eletrônica como, por exemplo, as webcams (câmeras de vídeo conectadas à internet).

---

interlocutores no momento da interação verbal); o objeto ou tema sobre o qual ocorre a enunciação (aquilo de que se fala); a valoração (a atitude dos falantes diante do que ocorre).

Todo e qualquer enunciado depende diretamente desses fatores que dão sustentação ao que é dito. Que peculiaridades assumem estes fatores no contexto das salas de bate-papo? Como compreender as categorias de espaço e tempo nesta nova esfera da comunicação humana?<sup>21</sup> Em que medida o objeto da comunicação discursiva se entrelaça com os demais fatores? Consideramos, juntamente com Bakhtin, que cada ato de fala conta com algo que se refere ao horizonte espacial e ideacional dos falantes e que, portanto, é presumido por eles. De que maneira este horizonte é definido pelos interlocutores dos *chats* no momento de se efetivar a comunicação, já que se encontram num outro nível de corporeidade e não compartilham de uma unidade espacial que lhes é visível? Que pistas perseguem no intuito de compreenderem o enunciado do outro, dando continuidade à cadeia interlocutiva?

Estabelecendo um firme elo entre o discurso verbal e o contexto extraverbal, a entoação é, para Bakhtin, um outro elemento que demonstra a natureza social do discurso. Segundo ele, a entoação revela, no enunciado, todo um conjunto de valores pressupostos no meio social onde se efetiva a interação discursiva. Deste modo, podemos dizer que qualquer palavra, dentro de um processo de comunicação inteligível, está intimamente relacionada ao contexto social, sendo, portanto, expressão e produto de uma dada interação. Como se processa a interação entre os usuários das salas de bate-papo já que, como vimos, seus contextos sociais não estão previamente e territorialmente definidos?

Essas são questões desafiadoras para as quais, certamente, não temos ainda respostas rápidas ou definitivas, porém, acreditamos que, de qualquer forma, essa interação só é possível de se processar via palavra, ou seja, na e pela linguagem e que se dá necessariamente entre falante/escritor, ouvinte/leitor e tópico do discurso. Partes constitutivas do discurso, esses elementos são essenciais para uma compreensão da construção/produção da enunciação em qualquer contexto de trocas verbais, já que existe entre eles um grau de proximidade recíproca: “a interrelação entre o falante e o tópico nunca é realmente uma relação íntima de dois, mas o tempo todo leva em conta o terceiro participante – o ouvinte –, que exerce influência crucial, portanto, sobre todos os fatores do discurso” (BRAIT, 1994, p. 21). Unidos pelo tópico discursivo, ou seja, pelo o que ali se fala ou se elege enquanto tema a ser discutido,<sup>22</sup> estão os interlocutores dos canais de bate-papo, ao mesmo tempo, presumindo o que o outro tem a lhe dizer, orientando-se em relação à enunciação do outro, no intuito de compreendê-la, e imprimindo nos enunciados que constroem as marcas de sua identidade social.

---

<sup>21</sup>Segundo Virilio (2000) “a aplicação do tempo real pelas novas tecnologias é, quer se queira quer não, a aplicação de um tempo sem relação com o tempo histórico, isto é, um tempo mundial” (p. 13). Para esse autor, a noção de espaço também tem de ser reconceituada, não mais em termos geográficos, já que “a questão da telepresença deslocaliza a posição, a situação do corpo. Todo o problema da realidade virtual, é essencialmente de negar o *hic et nunc*, de negar o ‘aqui’ em proveito do ‘agora’” (p. 48). Virilio afirma que estamos presenciando um acontecimento sem referência com o surgimento do ciber mundo. A inovação de um terceiro intervalo, o do gênero luz, aniquila, simultaneamente, os intervalos de espaço e de tempo.

<sup>22</sup>Nesse espaço específico de trocas verbais, a escolha do assunto a ser tratado ocorre, diferentemente da escrita de um texto nos moldes tradicionais (descontextualizada), durante o processo da construção textual. Devido à possibilidade de interação paralela, os tópicos podem ou não centrar-se em temas afins.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, todas essas considerações e reflexões em torno da teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin nos permitem conceber o *chat* enquanto produção de linguagem, mas também nos indicam o possível surgimento, dentro de um novo espaço de enunciação, de um gênero textual/discursivo híbrido, fundindo gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, o computador, cujo resultado é um gênero do discurso de terceira ordem, que, de acordo com Xavier e Santos (2000),<sup>23</sup> amparados pela classificação bakhtiniana, se poderia denominar de “gênero terciário do discurso”.<sup>24</sup> Acreditamos, deste modo, que o *chat* possa ser concebido como um novo gênero discursivo, pertencente a uma terceira categoria, apresentando, entretanto, certas ações de linguagem que se aproximam das dos gêneros primários.

Nesse sentido, se os gêneros textuais/discursivos mais tradicionais presentes em nossa sociedade letrada, alcançaram o espaço de produção do ensino, também os *chats* brevemente alcançarão. Refletir sobre uma possível apropriação deste novo gênero da contemporaneidade pelo contexto do ensino, não é, pois, tarefa para um futuro distante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_. La construcción de la enunciación. In: SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guilherme. *Bajtín y Vigotski: la organización de la consciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2000.
- BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.
- CASALEGNO, Federico. Hiperliteratura, sociedades hipertextuais e ambientes comunicacionais. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.) *Para navegar no século XXI*. Tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 1999. p. 195-216.
- CASTRO, Lucia Rabello de; JOBIM E SOUZA, Solange. *Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo*, 1997. Mimeogr.
- HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet. In: PRETI, Dino (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2000.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.) *Para navegar no século XXI*. Tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 1999. p. 195-216.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1991.
- MARQUES, Mario Osório. *A escola no computador*. Linguagens rearticuladas, educação outra. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999. Coleção Fronteiras da Educação.

---

<sup>23</sup>Para estes autores “pode-se observar que o Hipertexto tende a promover, pelo menos, três operações modificadoras nos gêneros do discurso, que são: a) a reconfiguração das formatações tradicionais da escrita, b) a superposição de sistemas semióticos e c) a complexificação das funções sociocomunicativas dos gêneros anteriores” (p. 53).

<sup>24</sup>Bakhtin não vislumbrou em seus estudos o surgimento de um gênero desta categoria, entretanto, a releitura deste autor russo é premente e necessária, não sendo a denominação “gênero terciário” uma metáfora apressada.

- 
- VIRILIO, Paul. O resto do tempo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.) *Para navegar no século XXI*. Tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 1999. p. 195-216.
- \_\_\_\_\_. *Cibermundo: a política do pior*. Lisboa: Teorema, 2000.
- XAVIER, Antônio Carlos; SANTOS, Carmi Ferraz. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos da UFJF*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 51-57, jan./jun. 2000.

### **RESUMEN**

*Este artículo es el fruto de un estudio que se ha caracterizado por la inserción de los investigadores en la red mundial de ordenadores. Enfoca la escritura como una práctica sociocultural, que viene proporcionada por la internet, a través de las observaciones de participantes en uno de sus recursos más conocidos: las salas de chat del IRC (acrónimo de Internet Relay Chat – charlas interactivas en internet). La inmersión en el medio virtual ha posibilitado que lleguemos a una aproximación comprensiva de nuestro objeto de estudio: la construcción/producción de la escritura en internet. Una vez obtenidos los datos, nuestro objetivo es el de intentar comprender los sentidos que han emergido de los enunciados producidos en la situación de interlocución en un canal específico del referido programa, enfocando el chat como producción de lenguaje, valiéndonos de las contribuciones de la teoría enunciativa del lenguaje de Mikhail Bakhtin.*

**Palabras-clave:** *escritura en el chat, producción de lenguaje, teoría enunciativa de Bakhtin.*

### **ABSTRACT**

*This work which focuses on the social-cultural writing practice that takes place in the internet, is the result of a research that consisted in placing the researchers among the internet users at the World Wide Web in order to observe them at a very common practice: the use of chat rooms – Internet Relay Chat. The access to this virtual domain has enabled us to have a closer look at our object of study: the building/production of writing in the internet. Once collected the data, our goal was to figure out the possible meanings that could emerge from the enunciation produced in the interaction of a specific channel of the program. Thus, we intend to focus on the chat as a mean of language production, taking into consideration the valuable contributions of Mikhail Bakhtin and his Enunciative theory.*

**Keywords:** chat writing, language production, Bakhtin's enunciative theory.